

De “moça prendada” a “menina superpoderosa”: análise das seções de cartas de leitoras da revista *Capricho* (1954-2004)

From “gifted young woman” to “super-powerful girl”: an analysis of the sections of readers’ letters’ of the magazine *Capricho* (1954-2004)

Raquel B. P. Miguel¹
raquelbarros@hotmail.com

Maria Juracy F. Toneli²
juracy@cfh.ufsc.br

Resumo. Este trabalho busca abarcar as possíveis transformações no que concerne às relações de gênero e à sexualidade ao longo das últimas cinco décadas. A maneira encontrada para contar estas transformações foi através da análise dos lugares que uma revista feminina reservou e reserva às mulheres. Para tanto, realizou-se um exame das seções de cartas de leitoras da revista *Capricho* (1954-2004). Esta busca trouxe à baila questões como: “de que mulher, para qual mulher a *Capricho* tem falado nestes 50 anos?”, “como estão sendo construídas as relações de gênero?”. A análise do material em questão possibilitou a contextualização e reflexão acerca da construção das imagens das mulheres e da sexualidade entre os anos 1950 e o século XXI. Proporcionou, outrossim, constatar que muitas mudanças ocorreram, mas que, em alguns casos, o mesmo discurso sobrevive sob nova roupagem.

Palavras-chave: relações de gênero, sexualidade, imprensa feminina.

Abstract. The article tries to cover the possible transformations in the gender relations and sexuality in the past five decades. It describes these transformations by analyzing the places that a magazine for females reserved and reserves to women. For that purpose, it discusses the sections of readers’ letters of *Capricho* magazine (1954-2004). This survey raised questions such as: “Of which woman and to which woman has *Capricho* spoken in these 50 years?”, “How are the gender relations being constructed?”. The analysis of the material made it possible to contextualize the construction of women’s images and of sexuality between 1950 and the 21st century and to reflect on it. It also allowed the observation that, in spite of many changes that occurred, in some cases the same discourse survives under new clothes.

Keywords: gender relations, sexuality, women’s press.

¹ Psicóloga, mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - área de concentração: Estudos de Gênero (UFSC).

² Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela USP. Professora do Departamento de Psicologia da UFSC e pesquisadora do CNPq.

Considerações iniciais

Compreender gênero como uma construção social, onde as relações de gênero são entendidas como relações entre sujeitos historicamente situados, é ponto nodal neste trabalho. Nesse sentido, gênero “não é um atributo individual, mas uma forma de dar sentido às transações: ele não existe nas pessoas mas sim nas relações sociais” (Nogueira, 2001, p. 123). Portanto, as relações de gênero se dão não apenas entre homens e mulheres, mas também entre homens e homens e mulheres e mulheres.

A partir do conceito de gênero, mais especificamente das relações de gênero, tornou-se possível uma reflexão a respeito da construção sócio-histórica da sexualidade partindo da significação das diferenças biológicas. Da mesma forma que gênero não se resume à diferença orgânica entre os sexos, ou seja, gênero não é sinônimo de sexo, sexualidade também não o é. Falar de sexualidade vai muito além das mudanças físicas ou da relação sexual, compreendendo, portanto, falar de sujeitos, da constituição destes abarcando sua multiplicidade, sua dinâmica, seu processo histórico. As mesmas palavras servem para expressar o que é falar sobre gênero³.

Visto dessa maneira, pode-se acrescentar que o conceito gênero veio somar elementos à discussão acerca da sexualidade. Nesse sentido,

permite uma passagem da análise do sexo biológico/genético para as relações entre o masculino e o feminino como construções sociais e históricas. Assim, o que define a sexualidade [e as relações de gênero] depende do momento histórico da humanidade e das condições concretas nas quais o homem está inserido (Kabhale, 2001, p. 180).

Esta ligação entre gênero e sexualidade pode, ainda, ser encontrada na afirmação de Laqueur quando o autor fala de sexo e gênero:

[...] quase tudo que se queira dizer sobre sexo – de qualquer forma que o sexo seja compreendido – já contém em si uma reivindicação sobre gênero. O sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder (Laqueur, 2001, p. 23).

O meio aqui escolhido para contar as transformações (recheadas de permanências e mudanças) no que tange às relações de gênero e à sexualidade foi acompanhar os lugares que uma revista feminina reservou e reserva às mulheres. Para tanto, elegeu-se a revista *Capricho* (Editora Abril), uma vez que esta é uma das revistas destinadas ao público adolescente de maior destaque, tendo grande aceitação entre os jovens, especialmente do sexo feminino⁴. A *Capricho* possui uma longa história, podendo-se, através da consulta de suas edições, esboçar um panorama de como são abordadas as questões relacionadas à sexualidade, ao gênero e à adolescência no decorrer das últimas décadas.

A revista *Capricho* foi criada em 1952⁵. Seu conteúdo era constituído de fotonovelas, dirigidas a um público mais adulto. Ainda nesse ano, a revista foi ampliada e passou a abordar os seguintes temas: moda, beleza, comportamento, contos e variedades, contemplando assuntos como: técnicas de conquista, namoro e virgindade. No ano de 1956, a *Capricho* atingiu a até então maior tiragem de uma revista da América Latina, rompendo a marca dos 500 mil exemplares. Em 1982, a revista sofreu uma grande mudança editorial. As fotonovelas saíram de cena, abrindo mais espaço para moda, beleza e comportamento, passando a se direcionar para a faixa etária entre os 15 e 29 anos. Em 1985, a revista reforçou seu perfil de revista direcionada a adolescentes do sexo feminino, adotando o slogan “a revista da gatinha”. Seu público era constituído por meninas entre 15 e 22 anos. No ano de 1989, após novas reformulações, a revista passou a ter como alvo leitoras adolescentes de 12 a 19 anos. Em 1997, a *Capricho*, sob nova direção, novamente redefiniu a faixa etária a ser atingida: adolescentes do sexo feminino entre 12 e 16 anos. Em 1999, outra mudança na direção foi efetuada, buscando ampliar seu público alvo: meninas vivendo a adolescência, independentemente da idade.

Optou-se por uma amostra de 27 revistas. As edições da revista examinadas pertenciam aos anos onde aconteceram reformulações editoriais na *Capricho*: 1982, 1985, 1989, 1997 e 1999. Além destes, também foram escolhidos números pertencentes ao período que vai de 1952 a 1982, e aos anos de 2000, 2001 e 2003. A consulta ao material aconteceu na própria redação da revista, na Editora Abril, em São Paulo.

Privilegiou-se a análise da seção de cartas das leitoras, especialmente as perguntas sobre sexualidade en-

³ Cabe aqui um adendo com vistas a justificar o uso da negação nas definições de sexualidade e de gênero. Para tanto, a citação de Bozon (2004, p. 14) vem ao encontro do pretendido: “A sexualidade é uma esfera específica, mas não autônoma, do comportamento humano, que compreende atos, relacionamentos e significados. E é o não-sexual que confere significado ao sexual, nunca o inverso. Histórica, sexual e socialmente, os próprios limites do sexual são movidos”.

⁴ O público para o qual a revista *Capricho* fala é formado por adolescentes do sexo feminino, brancas, de camadas médias e heterossexuais.

⁵ As informações deste breve histórico sobre a revista *Capricho* foram cedidas, via e-mail, por Simone Miranda, então responsável pelo serviço de atendimento ao leitor desta revista.

viadas por elas e suas respectivas respostas. Além destes espaços específicos, em alguns momentos lançou-se mão de artigos e matérias que abordavam questões relativas à sexualidade.

De que mulher, para qual mulher a revista *Capricho* tem falado nestes 50 anos? Como estão sendo construídas as relações de gênero? Como estão sendo abordadas as discussões referentes à sexualidade? As cartas enviadas pelas leitoras a esta revista e suas respectivas respostas ajudam a retratar as imagens de mulher veiculadas pela revista, o que, por sua vez, auxilia na discussão sobre as relações de gênero e sexualidade.

Revista *Capricho*: um exemplar da imprensa feminina

Neste artigo, compartilha-se a visão de mídia como um instrumento de mediação que, ao mesmo tempo em que participa do processo de constituição do sujeito, é constituída por este mesmo sujeito inserido em determinado contexto social. Dessa forma, as produções midiáticas, sendo compreendidas como práticas sociais construídas por um certo grupo, carregam repertórios que retratam sentidos presentes no cotidiano, provocando inúmeras reflexões e discussões. O “produto midiático não se localiza nem se esgota no momento de produção, mas na interação entre leitor (categoria que inclui também o pesquisador) e produto” (Medrado, 1999, p. 245). É tendo este olhar como pano de fundo que se dará esta discussão.

Mira (2001) afirma que a origem da íntima relação que as mulheres possuem com as revistas femininas deve ser buscada no lar, principalmente quando se pensa nas mulheres das décadas passadas ou nas donas de casa. É possível encontrar eco nas revistas quando se verifica, em especial nos exemplares da *Capricho* entre a década de 1950 e meados de 1970, a quantidade de propagandas de eletrodomésticos e demais utensílios para o lar. O público a ser atingido por esta revista nesta época era composto por mulheres jovens, em busca de um casamento, noivas ou casadas, que tinham como objetivo constituir um lar com o que pudesse existir de mais moderno e pudesse ajudá-las a serem ótimas donas de casa e mães. Cabe ressaltar também a grande presença de propagandas de produtos destinados a bebês: talco, fralda, pomadas. A veiculação destes tipos de propaganda indica o papel social vinculado às mulheres nesta época: ser esposa e

mãe. Papéis estes que, segundo Bozon (2004), seriam o cerne da sexualidade normal das mulheres, apregoados pela primeira sexologia no século XIX.

O trabalho de Buitoni (1981) a respeito da imprensa feminina reúne uma série de características conferidas a esta mídia, que puderam ser encontradas na revista *Capricho*. O tom sentimental emprestado à imprensa feminina é claramente verificável na revista aqui analisada, principalmente na seção de cartas das leitoras. A função psicoterápica citada por Buitoni (1981) fica evidente nesta seção, através do conteúdo presente nas respostas veiculadas pela revista, bem como em alguns artigos de cunho psicológico e nas fotonovelas. A maneira coloquial como a revista se dirige às leitoras evidencia este tom sentimental e, mais do que isso, estabelece uma relação de intimidade, de amizade. Para ilustrar, é possível citar o seguinte exemplo, onde quem responde é Marga Mason (“conselheira sentimental” que respondia pela coluna de perguntas de leitoras chamada “O coração pergunta... Marga Mason responde”, entre as décadas de 1950 e 1960), no ano de 1960:

*Loura dos olhos verdes: ama e é amada pelo marido, mas ele não quer que ela visite a mãe. Se teimar ele se separa dela. * “Pois não teime, minha querida! Não insista! Conserve a felicidade em seu lar, pelo que você me diz seu marido tem sérios motivos para fazer isso. Seja compreensiva e não toque mais nesse assunto com ele. Quando quiser desabafar, escreva-me”⁶ (Revista Capricho, maio de 1960, p. 89).*

Este exemplo demonstra também o tom impositivo utilizado pela revista ao se remeter às suas leitoras, sendo o imperativo usado com frequência. “Tudo vira receita de como se deve fazer para ser o modelo de mulher apresentado” (Buitoni, 1981, p. 127).

Cabe ressaltar que as interpretações feitas pelas leitoras do conteúdo presente nas revistas não são um processo mecânico (Miranda-Ribeiro e Moore, 2003). Estas estabelecem uma relação marcada por movimentos de aceitação, oposição, confrontação, indiferença.

Destaca-se, outrossim, o papel da revista como uma fonte de (in)formação: ao mesmo tempo em que colabora para manutenção de padrões, relações tradicionais de gênero, funciona como importante fonte de informação às adolescentes sobre questões relativas à sexualidade, sendo uma fonte de referência para estas jovens.

⁶ Os trechos em itálico correspondem a trechos retirados na revista *Capricho*. Em alguns casos, como este, perguntas enviadas pelas leitoras e suas respectivas respostas formuladas pela revista serão separadas pelo símbolo *.

Sexualidade

O sexo nas cartas e nas páginas

Quais os lugares ocupados pelo sexo nesta revista nas diferentes épocas?

Da década de 50 até meados da década de 60, predominavam nas cartas questões relacionadas a sentimento, relacionamentos, comportamento. Não foram encontradas, uma vez sequer, nas seções de cartas das leitoras, as palavras sexo, virgindade, relação sexual, prazer e suas correlatas. Um termo utilizado com muita frequência era “ceder”; a moça não poderia “ceder”, dar “liberdades”, “intimidades”, senão o rapaz se aproveitaria dela, apenas por diversão.

*Moreninha Indecisa: Ele diz que não o amo, e que se eu não ceder aos seus caprichos, me abandonará. * Fique certa que, se você ceder, ele a abandonará um dia, talvez com um filho no braço! Não seja bobinha, minha querida! Esse rapaz é um aproveitador e você não deve ceder absolutamente. Prefira terminar tudo e esquecê-lo, conservando sua dignidade e sua pureza. Se ele alegar que quer mesmo casar-se, então que se case ANTES. Tome cuidado! Não cometa uma tolice da qual fatalmente se arrependeria mais tarde! (Revista Capricho, junho de 1961, p. 48).*

Segundo Bassanezi (2001), o silêncio das revistas femininas desta época com relação ao sexo e a censura nas informações sobre sexualidade estavam a serviço da manutenção da pureza das moças. O sexo fora do casamento era recriminado de modo veemente, e dentro aparecia com o intuito de procriar. Não existia uma preocupação relacionada à vivência do sexo, à felicidade sexual, mas sim com a preparação para a vida matrimonial e, conseqüentemente, com a procriação.

Foi em 1963 que se encontrou a primeira menção aos métodos contraceptivos, não na coluna de Marga Mason, mas sim em uma propaganda veiculada na mesma página desta coluna. O método em questão era o “guia perpétuo para o controle da gravidez”, trazendo a seguinte chamada: “Para sua maior felicidade conjugal e em seu próprio benefício você não deve ignorar o método natural mais moderno, seguro e de precisão científica. Aprovado pela ciência médica e por todas as religiões” (Revista Capricho, maio de 1963, p. 57). A raríssima menção a métodos contraceptivos pela revista e a não abordagem deste tema por Marga Mason, ao menos nas edições consultadas, deixam claro a ligação entre sexo e procriação. Para que falar de métodos numa revista que tem como público “moças de família”, que farão sexo

apenas após o casamento e com o objetivo de dar filhos ao marido?

Durante a década de 1970, pôde-se perceber que o teor das perguntas se manteve parecido; a maior mudança estava no conteúdo das respostas: casamento deixa de ser o centro da vida da mulher, desvinculam roupa da moral, incitam as mulheres à ação. Acontece uma divisão da seção de cartas das leitoras: uma delas passou a se dedicar a comportamento, relacionamentos, e a outra a questões médicas. Esta divisão mostra o início da separação entre sexo e amor que se consolidará mais tarde nas páginas da revista.

Foi possível verificar a entrada gradual do sexo nas páginas da *Capricho*, culminando nos anos 1980: a década do prazer. Nunca se falou, nem se falará, tanto em sexo, prazer, orgasmo, nem tão abertamente, quanto nesta época. No ano de 1980, as perguntas enviadas pelas leitoras iam desde as mais ingênuas: “É normal o marido pedir para a mulher ficar nua na hora da relação?”, até as mais “ousadas”: “Estou cansada de fingir que sinto prazer” (Revista *Capricho*, abril de 1980, p. 33). Alguns temas estavam presentes cada vez mais assiduamente, tanto nas cartas das leitoras quanto nas demais matérias da revista: busca pelo prazer, orgasmo feminino, masturbação feminina, aborto, ereção, ejaculação precoce, zonas erógenas, virgindade (preocupação que descubram que não é mais virgem), métodos contraceptivos (em especial a pílula). Mantém-se a divisão de seções relacionadas a comportamento e a sexo.

Sexo passou a ser abordado, mas de uma maneira bastante científica, pedagógica, biologizante e também psicologizante. Foi a partir de 1982 que dois personagens ganharam destaque: psicólogo e ginecologista. Se nos anos 1950 e 1960 o que imperava era a felicidade conjugal, agora passou a ser a felicidade sexual. Todos esses acontecimentos na década de 80 estão em consonância com a segunda sexologia descrita por Bozon (2004), onde o foco passa a ser o prazer e o orgasmo, encarados como fundamentais para o bom funcionamento conjugal. Isto corrobora o que Bozon (2004) falou a respeito da emergência do ideal do “juntos por amor” nas últimas décadas do século XX, onde cresce a importância dos interesses individuais dos cônjuges e a sexualidade passa a assumir uma posição especial.

A princípio, pode-se pensar que esta abertura da revista com relação à sexualidade feminina foi uma grande conquista. Certamente não se podem ignorar os méritos desta mudança. Entretanto, a maneira como muitas vezes os assuntos eram abordados e as respostas eram dadas, dá margem à reflexão de se toda essa *mise-en-scène* em torno da sexualidade teria não o objetivo de proporcionar à mulher uma vida sexual mais satisfatória,

desenvolvendo uma relação igualitária com seu parceiro, mas sim o de ensinar a mulher como agradecer seu companheiro.

Final dos anos 1990 e início de século XXI. O foco das perguntas das leitoras, assim como de matérias e reportagens, não está mais na busca pelo prazer, na satisfação sexual. Mas a sexualidade continua na pauta do dia, só que agora tem os seguintes temas como alvo: gravidez na adolescência, início da vida sexual, camisinha, namoro pela internet, homossexualidade feminina, masturbação feminina, sexo anal, bissexualidade, primeira vez, como contar aos pais que não é mais virgem. Cabe ressaltar o quanto as preocupações em torno da virgindade estão sempre presentes, de 1953 a 2003. Elas se diferenciam um pouco de acordo com as particularidades de cada momento, entretanto, o âmago da questão, ou seja, o valor conferido socialmente à virgindade, se mantém.

Além destas questões, vem atrelada a emergência, nas últimas décadas do século XX, de uma nova forma de relacionamento: o “ficar”. Na década de 90, o “ficar” já se encontra incorporado ao linguajar da revista, possuindo, inclusive, um conjunto de vocábulos em torno dele: ficadas, ficantes, pegar, etc. Este “novo código” estabelecido entre os adolescentes pode ser entendido como mais um indicador do individualismo como central na ideologia moderna. Segundo Chaves (1997, p. 77), “[...] o “ficar com” só é possível dentro de uma ideologia individualista, igualitária, levada ao extremo, em tal contexto esse código de comportamento vai ao encontro do processo de individualização”.

A maneira de abordar esses assuntos também está diferente. As respostas às perguntas das leitoras perderam muito do caráter pedagógico e científico, deixando também de serem técnicas e impessoais, assumindo um tom mais descontraído, bem humorado e próximo da leitora. Para auxiliar na elaboração das respostas, a revista contava com a contribuição de consultores, predominantemente ginecologistas.

Desde maio de 1997 estava presente, junto à seção de cartas, a campanha “camisinha, tem que usar”, o que demonstra o comprometimento da revista com a causa. Mais do que isso, está ligado ao papel deste veículo em contribuir para a inculcação de comportamentos e atitudes, assim como uma resposta ao que o momento pedia. Segundo Bozon (2004, p. 150), nas sociedades onde não existissem mais instâncias que pudessem impor uma norma coletiva com relação à sexualidade, era necessário estabelecer parcerias que adotassem a idéia, “pois, em si mesma, a conduta sexual não está associada a uma preocupação sanitária”. Pode-se dizer que a revista *Capricho* funciona como uma das parceiras.

Além das seções de cartas, duas matérias presentes em revistas do ano de 1999 ajudam a pensar a respeito do

olhar lançado à sexualidade no final desta década. As matérias referidas são: “Cedo ou cedo demais?”, sobre o aumento do número de adolescentes que “perdem” a virgindade antes dos 15 anos; e “O filho que chegou cedo”, com depoimentos de meninas que foram mães na adolescência. Em ambas, ganharam destaque os aspectos negativos, as perdas sofridas pela menina (haja vista o uso da expressão “perder a virgindade” utilizada nas matérias), arrependimentos e a gravidez na adolescência vista como problema.

Chama atenção a palavra “cedo”, empregada nas duas matérias. Ela passa a impressão de que a revista, de uma maneira suave, quase implícita, recrimina o início da vida sexual antes dos 15 anos e a gravidez na adolescência. Com aumento no número de casos de adolescentes contaminadas pelo vírus da AIDS e a preocupação com a gravidez na adolescência, a atividade sexual do adolescente passa a ser vista pela sociedade como um problema econômico e social, um problema de saúde pública (Pai-va, 1996). Dessa forma, fez-se necessária a presença de uma linguagem mais sanitária, de um discurso a respeito dos riscos ligados à sexualidade e de como se proteger deles (Bozon, 2004). Parece que, neste final da década de 1990, a revista tenta “frear” algumas questões relacionadas à sexualidade. É como se toda aquela liberação ao falar de prazer, orgasmo, sexo na década passada tivesse rendido frutos não muito agradáveis, cabendo nesse momento à revista contornar a situação.

Corpos femininos

Acredita-se ser importante abrir um espaço nesta discussão para as significações atribuídas aos corpos femininos, nas páginas da revista *Capricho*. Da mesma forma que sexo e gênero possuem uma história, não se pode deixar de ressaltar a historicidade do corpo (Butler, 2000). Este é um corpo que passa por modificações físicas, que são significadas histórica e culturalmente, de acordo com o contexto no qual se encontra inserido, produto de momentos específicos, históricos e culturais (Laqueur, 2001; Villela e Barbosa, 1996).

A preocupação com a boa forma não é de hoje. Em edições de 1953, matérias e perguntas relacionadas à ginástica, emagrecimento e beleza eram frequentes. É claro que de uma maneira bastante diferente da propagada atualmente, seguindo outros padrões de beleza, mas já estava lá. A preocupação com a silhueta é visível na seguinte matéria de outubro de 1953: “Linhas esculturais – obter um corpo sem defeitos, igual a uma estátua” (Revista *Capricho*, outubro de 1953, p. 49). Nesta são indicados dois exercícios que contribuiriam na construção de um corpo “mais fino e elegante”, proporcionando também benefícios à saúde.

Desde a primeira edição da *Capricho* consultada, conta-se com a presença de seções sobre moda e beleza. Estas forneciam dicas às moças sobre como se maquiar, pentear, o que vestir. Como pôde ser visto, quando se falou dos ingredientes da felicidade conjugal, um deles era que a esposa mantivesse o cuidado com sua aparência, sendo a boa aparência também um pré-requisito de grande importância no momento de conquistar um pretendente. Mais uma atribuição da mulher: estar sempre bonita, ou pelo menos demonstrar cuidado nessa área. Mas será que esta é uma idéia que ficou no século passado? Botox, lipoaspiração, ginástica, silicone... O que dizer da cobrança sofrida pela mulher dos anos 2000 com relação à sua aparência?

A partir dos anos 1980 emergiu uma nova imagem de mulher, especialmente com relação à sexualidade.

A mulher se vê ao mesmo tempo como sujeito e objeto de consumo. A “liberalização do comportamento” para mulher caminha lado a lado a um investimento no corpo como objeto ideal (maquiagem, cirurgias plásticas, etc.) que o desumaniza ao mesmo tempo em que o erotiza (Afonso, 2001, p. 103).

Na *Capricho* de outubro de 2000 (p. 52), diante da seguinte pergunta: “O que você não suporta na hora da transa?”, dois meninos, entre 17 e 20 anos, responderam: “Olhar para a cintura e ver umas gordurinhas”, “Celulite e gordurinhas não!” Miranda-Ribeiro e Moore (2003) apontam que a análise de conteúdo de revistas americanas, britânicas e brasileiras para adolescentes (inclusive a *Capricho*) indica que, de acordo com as mensagens por elas veiculadas, uma adolescente deveria estar preocupada em melhorar sua aparência, achar um homem e mantê-lo. Nesse mesmo sentido encontra-se também uma matéria publicada em janeiro de 2003 (p. 28), que traz o seguinte: “De bem com o biquíni – os meninos não olham para o nosso corpo com um olhar clínico.” Ou seja, a maior preocupação não é estar simplesmente se sentindo bem em um biquíni, mas sim estar bem para os meninos.

A maneira como os corpos femininos foram expostos na revista nestes últimos cinquenta anos também diferiu bastante de acordo com a época. Até a década de 1970, as mulheres apareciam vestidas conforme a moda do momento; o máximo de ousadia foi a capa de 1968, com Leila Diniz de biquíni.

Nos anos de 1982 e 1985, anos que, como já foi falado, foram marcados por uma grande abertura da revista com relação a assuntos ligados à sexualidade, algumas matérias foram ilustradas com fotos de nu feminino. Em 1982, foi na seção especial “Sexo no consultório”: uma foto

de uma adolescente nua, sem mostrar o rosto, exibindo a barriga e a vulva, e a foto dos seios de uma jovem. A matéria “ABC do amor e do sexo” de novembro de 1985 trouxe a foto de um adolescente do sexo masculino e de uma do sexo feminino (aparentando 12 anos), nus de frente e de costas. Fotos de adolescentes nus só foram exibidas na *Capricho* durante estes anos, aparentemente numa tentativa de naturalizar o sexo, “deserotizando” os corpos, como se fosse um livro de biologia ou um manual de anatomia. Tal exposição demonstra a forma como, durante esta época, as modificações físicas foram significadas histórica e culturalmente. A presença destas fotos hoje na revista certamente seria significada de outra maneira, causando talvez espanto, surpresa, indignação.

Segundo Bozon (2004), com a medicalização contemporânea da sexualidade, que vem com a dissociação entre reprodução e a atividade erótica não reprodutiva, a vida sexual das mulheres passou a sofrer um aumento da influência médica. O controle ginecológico passa a fazer parte da vida das mulheres cada vez mais cedo. A primeira visita ao ginecologista, geralmente associada à busca por um método contraceptivo, passou a ser um importante ritual na vida das adolescentes. Tal fato é facilmente verificável nas diversas matérias trazidas pela *Capricho* sobre a primeira visita ao ginecologista, onde esta é desmistificada e incentivada. É possível também observar a presença maciça de ginecologistas, orientadores sexuais, psicólogos respondendo a dúvidas, ensinando sobre métodos, falando sobre a sexualidade feminina em todos os aspectos.

Esta constatação é curiosa, pois ao mesmo tempo em que a mulher, com o surgimento e popularização dos métodos contraceptivos, passou a ter maior autonomia sobre seu corpo, parece que foi necessário inventar uma forma desta autonomia não alcançar vãos tão altos, ou seja, não se podia perder o controle. Entra em cena, então, a classe médica, na tentativa de voltar a gerenciar os corpos femininos. Isso faz lembrar o que Foucault (1998, p. 28) chamou de “polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição”. As revistas femininas não ficaram fora dessa, desempenhando significativo papel neste “resgate” do controle sobre o corpo da mulher.

Gênero

Para começar: quem são elas?

Moreninha sem esperança, Salomé loura, Morena indecisa de algum lugar, Coração sem decisão, Loirinha desesperada número 15, Coração amargurado, Rosa ferida; I.L., M.C., M.O.; Ângela, Camila, Adriana. Salvo

raríssimas exceções é através de pseudônimos, iniciais ou apenas do primeiro nome, quando não de nomes fictícios, que as leitoras eram e são identificadas nas seções de cartas ou em qualquer outro momento em que dêem sua opinião.

Com relação ao uso de pseudônimos, Bozon (2004) traz que escritores consagrados do início do século XX que se aventuraram a fugir de seus assuntos e escrever sobre sexualidade o faziam utilizando pseudônimos, a fim de proteger sua própria respeitabilidade. Será com esta mesma intenção que as mulheres e adolescentes recorrem a esse subterfúgio, ao exporem suas opiniões, suas dúvidas relacionadas à sexualidade, a relacionamentos? Ou será porque pouco importa a identidade destas mulheres, suas singularidades, suas particularidades, uma vez que a revista trabalha com um modelo de mulher universal?

No que diz respeito aos meninos, estes, quando expõem suas opiniões nas páginas da revista, geralmente são identificados pelo nome completo, idade, cidade onde moram, além da presença de fotografias. Já com as meninas, mostrar seus rostos em fotografias é bastante raro, principalmente nas seções de cartas, onde em nenhuma edição consultada foi verificada a existência de fotos das leitoras junto às suas perguntas. Miranda-Ribeiro e Moore (2003) dizem compreender a importância de preservar a identidade das leitoras, entretanto afirmam que o fato de os meninos poderem mostrar a cara na revista e as meninas muitas vezes precisarem se esconder mostra a existência de diferenças no modo como meninos e meninas são retratados nas páginas da revista.

Breve panorama das mulheres nas diferentes décadas

Nos anos 1950 e 1960, os conselhos formulados pela revista, especialmente por Marga Mason, em resposta às cartas das leitoras, indicavam que a mulher deveria ser dócil e meiga, sendo aconselhada a “suavizar o gênio e cultivar a meiguice, para se tornar ainda mais atrativa”, sendo importante também “perder a tendência à discussão” (Revista *Capricho*, junho 1954, p. 70). A matéria “A garota de 1953” revela muito sobre a maneira como a *Capricho* veiculava a imagem da mulher nesta época, mulher que tinha como principal objetivo o casamento.

“A garota de 1953” (Revista *Capricho*, outubro de 1953, p. 56) traçava o perfil de como deveria ser e se comportar a garota de 1953: caso não estudasse nem trabalhasse, “tendo o privilégio de cuidar da casa”, deveria aproveitar e se preparar para ser uma dona de casa exemplar quando se casasse, mas, se não tivesse tempo para

se ocupar da casa, deveria ao menos saber “preparar um bolo, um creme aveludado e um ou dois coquetéis a fim de poder dizer que possui algumas especialidades nesse campo”. Deveria praticar esportes, mas sem exagero, já que um futuro marido preferiria saber que a noiva fala vários idiomas ou sabe cuidar de casa em lugar de ser campeã em algum esporte. Ela não deveria falar muito alto, deveria estar bem arrumada, usar pouca maquiagem, usar bons perfumes e “tratar de não flertar demais”. Ou seja, “deverá representar a imagem da verdadeira mulher de nosso século: agradável, compreensiva e antes de tudo ser mulher!”.

Já ao homem desta época cabia o papel de ser trabalhador, honesto e capaz de sustentar a casa, características que indicavam que ele possuía boas intenções para com a moça.

Apesar de o conteúdo das respostas presentes nas edições da década de 1960 ser semelhante ao da década anterior, a imagem da mulher veiculada pela revista *Capricho* em 1960 diferia daquela “moça-prendada” de anos antes. A “garota de 63” era apontada como mais liberal, independente, moderna e prática. Estas mudanças refletem os acontecimentos da época: movimentos feministas, politização da sexualidade, aumento da escolaridade entre as mulheres, crescimento da participação destas no mercado de trabalho, surgimento de métodos contraceptivos (Bozon, 2004). Todas estas transformações vão sendo percebidas nas páginas da revista e, especialmente nas colunas de cartas das leitoras, ganharam força a partir de 1970.

Durante os anos 1970, nota-se a presença de um outro discurso voltado às mulheres. O casamento deixa de ser o centro de suas vidas, incitam a mulher a ter consciência do seu valor. É possível encontrar nas respostas frases como: “Antigamente a mulher se contentava em ser a preferida na vida do homem. Hoje ela tomou consciência do seu valor e sabe que pode exigir fidelidade.” “Isso de ficar para titia não se usa mais, Evange! As moças de hoje em dia podem ter independência, vida própria, e o casamento só se justifica quando aparece alguém que a gente ame e que nos retribua esse amor” (Revista *Capricho*, novembro de 1974, p. 24).

Na década de 1980, a mulher está associada ao prazer, à busca pelo prazer. As seções de cartas estavam recheadas de perguntas sobre orgasmo feminino, satisfação sexual, aparecendo, ao mesmo tempo, uma preocupação com relação à “perda da virgindade”, temendo ser julgada por seu companheiro. Neste período, o diálogo com o parceiro era incentivado, principalmente quando o motivo da angústia dizia respeito a desacertos sexuais entre o casal. Sobre a relação entre mulher e virgindade, a revista enfatizava que a mulher não deveria se sentir

culpada, afirmando que “[u]ma rosa não será nada menos bela e perfumada se antes de ser colhida alguém tiver aspirado com profundidade seu perfume” (Revista *Capricho*, abril de 1980, p. 69). Este novo discurso impresso sobre a virgindade faz jus ao processo de perda relativa do valor associado à virgindade feminina, citado por Heilborn (1999).

No final dos anos 1990 e início do século XXI, é possível verificar uma certa ambigüidade no que tange à imagem da mulher: ao mesmo tempo em que a adolescente é retratada como tendo mais iniciativa, dona de uma atitude mais ativa com relação aos meninos, nota-se a manutenção de alguns valores morais típicos daqueles em voga nas décadas de 1950 e 1960. Esta ambigüidade também foi percebida ao serem analisadas duas referências: uma delas é o texto de Bassanezi (2001) sobre as “mulheres dos anos dourados”, onde a autora retoma os valores, comportamentos e particularidades que cercavam as mulheres que viveram na década de 50; a outra foi produzida por Miranda-Ribeiro e Moore (2003), onde as autoras apresentam uma pesquisa sobre os papéis de gênero considerados apropriados pela revista *Capricho* entre os anos 2001 e 2002. A soma das informações presentes nos dois textos vieram ao encontro das reflexões proporcionadas pelo exame, neste trabalho, de edições da *Capricho* de 1952 a 2003, principalmente no que concerne às concepções de gênero, ao lugar das mulheres ao longo do tempo.

Às mulheres entre 1950 e 1960 eram associadas as seguintes características, ou, seria melhor dizer, elas deveriam seguir os seguintes mandamentos: serem passivas, dóceis, afetuosas, submissas, prendadas, cultas – mas não muito, não incomodar o marido, aceitar a traição, não tomar a iniciativa, cuidar-se para conquistar e manter o marido, arrumar-se para o marido, não beijar no primeiro encontro, não ter “intimidades” antes do casamento, ser uma “moça de família” e, implicitamente, ser julgada e avaliada a todo momento e por todos.

As responsabilidades das mulheres

À mulher é atribuída uma série de responsabilidades, principalmente no que diz respeito ao relacionamento com seu parceiro. Na década de 50, as moças eram aconselhadas a não incomodar seus maridos: “Interrogue-o com jeitinho, quando ele estiver bem disposto”, ou “Seja compreensiva e não toque mais nesse assunto com ele” (Revista *Capricho*, junho de 1954, p. 53-54). Possíveis insucessos sexuais masculinos muitas

vezes acabam sendo também atribuídos à mulher, como nesta resposta a uma leitora que está desesperada porque seu marido não consegue mais ter ereção, encontrada na edição de outubro de 1982: “[...] A reação da mulher pode ter sido tão ruim quando ele falhou que isto o deixou mais angustiado ainda. [...] Assim ele ficará mais tranqüilo e acabará perdendo o medo de manter contatos sexuais com sua mulher” (Revista *Capricho*, outubro de 1982, p. 45).

Até mesmo o descaso do marido pela esposa, quando não a traição, poderia ser responsabilidade da mulher. A uma mulher casada há 12 anos que escreve reclamando de seu marido que chega em casa de madrugada, Marga Mason, na edição de junho de 1954, responde que ela deve falar com calma com seu marido, dizendo que o ama: “Não faça cenas. Peça-lhe que pelo menos uma vez por semana fique com você. Cuide para que a casa esteja sempre bem arrumada, os filhos sempre limpinhos e você, arrume-se também para ficar mais bonita” (Revista *Capricho*, junho de 1954, p. 52). Isto mostra também o quanto as queixas das mulheres eram desvalorizadas, diminuídas. Afinal, se ela já tinha um marido, do que estava reclamando?

Outro exemplo é a pergunta enviada por uma leitora, na edição de agosto de 1999, na qual ela relata que ficava com um garoto que tinha namorada, tentaram transar, mas ele não conseguiu porque se sentia culpado. Como resposta veio o seguinte: “Que bom que ele não conseguiu. E se ele se apaixonar, como fica?” (Revista *Capricho*, agosto de 1999, p. 31). Ou seja, a maior preocupação é com o menino, em momento algum é falado como seria essa história para ela caso ela se apaixonasse por um menino que tem namorada. Na pesquisa realizada por Miranda-Ribeiro e Moore (2003, p.16), as autoras afirmam que na revista *Capricho* “a menina é incentivada a proteger o menino, sem levar em consideração os sentimentos e as necessidades dela”. Afirmam também que esta revista ensina a adolescente a se respeitar, a lutar pelo que quer, mas sugere que ela deve ir somente até onde o menino não se sinta ameaçado, principalmente com relação à sua masculinidade.

Esta idéia de proteção aos meninos como sendo uma responsabilidade das mulheres parece estar tão arraigada que a podemos encontrar até mesmo na fala de uma adolescente de 17 anos às vésperas do século XXI. Diante da seguinte enquete: “As meninas têm responsabilidade quando os meninos transam e desaparecem?”, Priscilla, de 17 anos, responde: “As meninas têm responsabilidade, pois ninguém faz sexo sozinho. Se os meninos são assim é porque nós, meninas, cedemos. Às vezes, bem fácil e rápido” (Revista *Capricho*, dezembro de 1999, p. 66).

Mulheres no banco dos réus

De 1950 ao século XXI, as mulheres são alvos de julgamentos. Ao descrever a moral dos anos 1950, Bassanezi (2001, p. 613) comenta que “o código da moralidade era de domínio geral e praticamente todos se sentiam aptos a julgar os comportamentos de uma jovem: os pais, os vizinhos, os amigos e amigas, os educadores, os jornalistas...”. Será muito diferente atualmente?

As mulheres encontram como algozes não apenas homens, mas também as próprias mulheres. Inúmeras cartas e suas respectivas respostas, nas diferentes décadas, podem demonstrar isso. Algumas vezes explicitamente, outras nas entrelinhas, mas o julgamento está lá. O grande alvo de críticas e reprovações é o comportamento da mulher no relacionamento com um homem. Tomar a iniciativa? Deixar-se beijar no primeiro encontro? Transar na primeira ficada? Nem pensar! À mulher é reservado o direito da passividade, aguardando a iniciativa do “sexo forte”, sem se atrever a tomar atitudes que pertencem somente ao universo masculino. Fica claro aqui o predomínio da visão onde há correlação entre diferença sexual e natureza (Bozon, 2004), ou seja, o determinismo biológico explicando as diferenças qualitativas entre homens e mulheres, marcando, assim, a presença de um discurso tradicional e hierárquico, como citado por Afonso (2001). Veja como exemplo um dos itens que faziam parte do “decálogo do casamento feliz”, publicado em outubro de 1953: “O nariz do marido pertence a ele somente – [...] Torna-se antipático que as mulheres imponham demasiado sua vontade, que escolham o cinema, o teatro, a confeitaria, o veraneio. Depois de tudo, o sexo forte sabe tomar iniciativas. Uma mulher hábil pode conseguir sempre o que quer e aparecer como dominada e obediente. São pequenas trapaças que asseguram a felicidade conjugal” (Revista *Capricho*, outubro de 1953, p. 43).

O verbo conquistar deveria, e deve, ser conjugado pelos homens. Tal fato pode ser observado na resposta dada à carta de “Coração amargurado” (maio de 1960), na qual diz não gostar de olhar para os rapazes, com medo que a achem oferecida. “Acho que deve olhar para os rapazes, minha querida. Não os encare, é claro, mas olhe-os ligeiramente, para que eles tenham a oportunidade de cumprimentá-la [...] Se não olhar para ninguém, acabará ficando solteira” (Revista *Capricho*, maio de 1960, p. 90). E também nesta de outubro de 1999, onde a revista dá o seguinte conselho à adolescente: “[...] Uma boa tática é pedir para uma amiga ou amigo perguntar se ele quer ficar com você de novo. Assim, você facilita os próximos passos dele” (Revista *Capricho*, outubro de 1999, p. 60). Por que os passos

dele e não os dela? Ou ainda na resposta de meninos, publicada em outubro de 2000, à pergunta: “O que você acha de uma menina que toma a iniciativa?”: “Não acho normal ela assumir o comando, o homem tem que conduzir, é cultural.” “O homem nasceu para conquistar e a mulher para ser conquistada.” “Não gosto de mulher que assume, que fica muito oferecida” (Revista *Capricho*, outubro de 2000, p. 32).

Segundo Miranda-Ribeiro e Moore (2003), a maneira como a revista organiza e apresenta seu conteúdo e suas matérias já fala muito a respeito das questões de gênero. É freqüente na *Capricho* a presença de seções onde é dada voz aos meninos, além da participação destes em diversas matérias. O espaço é aberto a eles para que falem das e para as meninas, onde o que geralmente acontece é criticarem o comportamento feminino. “Esta construção contribui para a idéia de que as mulheres são observadas, vigiadas e julgadas pelos homens” (Miranda-Ribeiro e Moore, 2003, p. 14).

Avaliadas e julgadas são também as atitudes que as meninas adotam nos primeiros encontros. Em maio de 1960, por exemplo, Lia escreve perguntando se está agindo corretamente não deixando que seu namorado a beije, permitindo apenas após conhecê-lo bem. Margá Mason diz que ela está correta, “Os rapazes não têm nenhuma consideração por essas garotas que consentem que qualquer rapaz as beije. [...] Seu príncipe encantado chegará e ficará muito feliz ao saber que você reservou para ele seu primeiro beijo” (Revista *Capricho*, maio de 1960, p. 89).

Os tempos mudaram, beijar no primeiro encontro já não é mais tão grave para uma geração que adotou o “ficar” como uma nova modalidade de relacionamento. Não são mais os beijos os condenados, mas sim contatos mais íntimos, transar, ou seja, a mulher continua a ser julgada. Várias enquetes, desde 1985, foram realizadas com meninos em torno da mesma questão, só que agora atualizada: o que eles acham de meninas que transam no primeiro encontro. A seguir será apresentada uma “coletânea” das respostas dadas pelos meninos. “A menina tem que ter classe, por mais que goste do cara tem que se preservar. Ser conquistada. Eu gosto mais assim” (Revista *Capricho*, novembro de 1985, p. 21). “Essas aí não se dão o mínimo valor. É meio machista falar isso, mas se eu saio e logo ela quiser ir para a cama, fico com péssima impressão” (Revista *Capricho*, outubro de 2000, p. 43). “Uma menina que faz isso deve ter consciência de que vai ficar mal falada. Eu não gostaria de ter uma namorada assim” (Revista *Capricho*, abril de 2001, p. 35). “Para mim, vira uma mulher-objeto, sem valores morais. Eu fico inseguro de namorar uma garota assim, mas ela pode virar uma amiga para

outros momentos de prazer” (Revista *Capricho*, abril de 2001, p. 35). “Não é que o homem seja machista, mas ele quer que a mulher continue com o valor dela. Quer que a mulher seja mais reservada” (Revista *Capricho*, janeiro de 2003, p. 31). “Se desde o começo foi assim, por que é que vai mudar?” “E mudar para pior... Não dá para namorar uma menina assim, que xaveca” (Revista *Capricho*, janeiro de 2003, p. 31).

Poucas vezes as meninas foram ouvidas nessas enquetes. Nas poucas vezes em que falaram, muitas acabaram por também julgar as mulheres: “As meninas estão atiradas, agarram mesmo. Muito vulgar. Não tenho nada contra chegar e conversar, mas costumam ser mais difícil” (Revista *Capricho*, abril de 2001, p. 35)

Todas essas falas podem retratar a herança deixada pelo amor cortês (século XII) à sociedade ocidental: oposição entre o dentro e o fora do casamento (Bozon, 2004). Existe, ainda hoje, a idéia de que certas moças “são para casar”, para ter um relacionamento sério, já outras servem para diversão, são “meninas de uma noite só”.

Além disso, mostram que, apesar da aproximação que vem acontecendo nos últimos tempos do calendário sexual dos adolescentes do sexo feminino e masculino, realmente, mantém-se a diferença na maneira como homens e mulheres vivenciam suas sexualidades (Heilborn, 1999). Por que apenas as mulheres ficam na berlinda, já que não foram apenas elas que transaram em um primeiro encontro? A resposta é clara, uma vez que às mulheres ainda são associadas características como pudor, possibilidade da continência sexual, moderação e ausência de desejo. Inversamente, aos homens cabem o desejo, a agressividade e a atividade (Bozon, 2004).

Dessa forma, a mulher ideal veiculada pela revista *Capricho* do século XXI não está tão distante daquela dos anos 50. Claro que ela não precisa saber fazer um “creme aveludado”, as prendas domésticas não estão mais entre os principais atrativos. Entretanto, ela continua tendo que cuidar da sua aparência, saber seduzir, mas sem ser oferecida, não tomar a iniciativa (salvo algumas exceções, desde que os meninos não se sintam ameaçados), ser paciente e, principalmente, não questionar a superioridade masculina, tal como demonstram os discursos veiculados pela revista *Capricho*.

Esta constatação vai ao encontro do questionamento levantado por Bozon (2004) com relação à profundidade das mudanças ocorridas no âmbito da sexualidade, especialmente da sexualidade feminina. Para este autor, mantém-se uma assimetria dos papéis na sexualidade, retratada nas diferenças na maneira como homens e mulheres lidam com a sexualidade e a vivenciam.

Considerações finais

Discursos veiculados pela revista *Capricho*

Foi possível vislumbrar, nas páginas da revista, tanto um discurso tradicional quanto um discurso igualitário e modernizante, trabalhados por Afonso (2001). Talvez isso esteja consonante com a ambigüidade das mensagens veiculadas pela revista detectadas por Miranda-Ribeiro e Moore (2003), especialmente no que tange às relações de gênero. As autoras afirmam que, ao mesmo tempo em que a revista incentiva as leitoras a dominarem suas vidas, sugere a menina ideal como submissa. Ou seja, a *Capricho* perpetua ao mesmo tempo dois discursos: um individualista e igualitário, uma vez que ela parte da igualdade, defendendo que o indivíduo, independentemente de suas particularidades, teria o direito de decidir sobre sua vida e relacionamentos; mas também um discurso tradicional, onde as hierarquias não são questionadas, reproduzindo relações desiguais de gênero, sem questionar a superioridade masculina. Assim, por trás de um discurso igualitário e individualista, que deixa a critério dos indivíduos a decisão por suas escolhas, encontra-se o papel normatizador desta revista onde, através de um discurso hierárquico, funciona como reguladora de comportamentos, perpetuando valores e conceitos tradicionais tanto com relação à adolescência quanto com relação à sexualidade e gênero.

As seções destinadas a responder as cartas das leitoras passaram por diversas transformações ao longo destas cinco décadas. A mudança a ser aqui destacada é relacionada à separação, que teve início na década de 1970, entre perguntas sobre sexo e perguntas sobre comportamento, que resultou, na maior parte das vezes, na existência de duas diferentes seções dentro de uma mesma edição: uma sobre sexo e outra sobre comportamento. O exame destas diferentes seções possibilitou que se constatasse que, nas que respondem às cartas sobre sexo, prevalece nas respostas um discurso igualitário e individualista, onde são propostos a igualdade de direitos entre os sexos (especialmente na década de 1980, que atribuía a todos o direito à satisfação sexual), o direito à informação, a queda do tabu em torno da virgindade feminina, os direitos reprodutivos, dentre outros aspectos, caracterizando, assim, a função de informar deste veículo midiático.

Por outro lado, nas seções que respondem às cartas sobre comportamento e relacionamentos amorosos,

⁷ Alusão ao título de uma matéria da revista *Capricho* de abril de 2001.

percebeu-se o predomínio de respostas marcadas por um discurso tradicional e hierárquico, onde é possível destacar, principalmente, a sustentação das desigualdades entre homens e mulheres e o não questionamento da superioridade masculina. Isso, por sua vez, indica o caráter “formador” (constituidor) presente na revista *Capricho*.

Chama atenção o fato de que é nas questões relacionadas a gênero que o discurso tradicional sobrevive com maior intensidade, indicando o quão arraigada está a naturalização das diferenças entre homens e mulheres. Parece que, com relação à sexualidade, foi possível imprimir um discurso com viés igualitário, por tratarem destes assuntos de uma forma mais técnica e impessoal, o que pode ser percebido na maneira como as perguntas e as respostas presentes nas seções sobre sexo são formuladas. Já no que diz respeito às perguntas sobre comportamento é mais difícil que as respostas sejam dadas de maneira impessoal, pois as leitoras escrevem à procura de conselhos. E é no momento de formular estes conselhos, especialmente os voltados para o relacionamento entre homem e mulher, para as relações de gênero, que a visão tradicional e hierárquica prevalece, onde nem todos têm os mesmos direitos.

“Moças poderosas” e “meninas superprendadas”

O título deste artigo procura trazer a idéia de que durante estes 50 anos mudanças aconteceram. A velha “moça prendada” da década de 1950 teria saído de cena e aberto espaço para as “meninas superpoderosas” do século XXI. Ao manusear as revistas de diferentes épocas, dialogando com cada uma delas, ao identificar as mensagens da *Capricho* às suas leitoras, algumas reflexões e dúvidas foram surgindo. Serão as “meninas superpoderosas” uma fantasia, fazendo parte apenas da ficção, assim como as personagens do desenho animado? Neste caso, seriam diferentes das “moças prendadas”, que, essas sim, eram mulheres de carne e osso, pertencentes à vida real.

Entretanto, com o passar do tempo foi possível perceber que, na verdade, não se trata da passagem de uma mulher prendada para uma poderosa, no sentido de uma evolução desta mulher ao longo dos anos. Estas mulheres sempre coexistiram e continuarão coexistindo independentemente do momento, sem esquecer, certamente, as singularidades de cada época. As mulheres conquistaram um sem-número de vitórias, passaram a ter maior possibilidade de escolha, até mesmo entre escolher ser uma “moça prendada” ou uma “menina superpoderosa”.

Impossível negar a existência de tantas mulheres, de diferentes épocas, que, mesmo sob a égide da mulher rainha do lar, conquistaram voz e lugar, marcaram e marcam várias gerações por sua ousadia e coragem, desafiando normas e costumes. Como esquecer de Pagu, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Leila Diniz? Não tem como negar, como ignorar a irreverência, as conquistas destas e de tantas outras mulheres, sejam elas célebres ou anônimas. Mulheres que fizeram e fazem tanto que respinga e reflete em todas as outras, mesmo nas mais “aprisionadas” nos recônditos da “moça prendada”. A cada nova conquista são novas possibilidades que se apresentam, aumenta o leque de opções das mulheres, novos lugares são conquistados.

São todas mulheres do seu tempo, mulheres de carne e osso, sejam elas “moças poderosas” ou “meninas superprendadas” ou, inclusive, prendadas e poderosas. Esta coexistência marca a plasticidade, os diferentes tons e matizes que enriquecem e dão graça e movimento às histórias das mulheres. Histórias estas cercadas de improvisos, imprevistos, poesia e imagens tão diferentes e coloridas quanto as formadas por um caleidoscópio. História que pôde ser acompanhada ao manusear, ao mergulhar nas edições da *Capricho* de diferentes décadas, bastando, para isso, um simples movimento... seja o dos dedos ao folhear as páginas da revista, seja o dos diferentes olhares que podem ser lançados sobre uma mesma história.

Referências

- AFONSO, L. 2001. *A polêmica sobre adolescência e sexualidade*. Belo Horizonte, Edições do Campo Social, 247 p.
- BASSANEZI, C. 2001. Mulheres dos Anos Dourados. In: M. DEL PRIORE (org.), *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, p. 607-639.
- BOZON, M. 2004. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 170 p.
- BUTTONI, D.H.S. 1981. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo, Edições Loyola, 151 p.
- BUTLER, J. 2000. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: G. LOURO (org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, p. 153-172.
- CHAVES, J. 1997. *“Ficar com”: um novo código entre jovens*. Rio de Janeiro, Revan, 154 p.
- FOUCAULT, M. 1998. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 152 p.
- HEILBORN, M.L. 1999. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN M.L. (org.) *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, p. 40-58.
- KAHHALE, E.M.S.P. 2001. Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência. In: A.M. BOCK; M.G.M. GONÇALVES; O. FURTADO (orgs.), *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo, Cortez, p. 176-187.
- LAQUEUR, T. 2001. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 313 p.

- MEDRADO, B. 1999. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: M.J. SPINK (org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo, Cortez, p. 243-271.
- MIRA, M.C. 2001. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo, Olho d' Água/Fapesp, 228 p.
- MIRANDA-RIBEIRO, P.; MOORE, A. 2003. *Papéis de gênero no papel: uma análise de conteúdo da revista Capricho, 2001-2002*. Belo Horizonte, UFMG/Cedeplar. [Texto não publicado].
- NOGUEIRA, M. da C. 2001. Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. *Psicologia & Sociedade*, **13**(1):107-128.
- PAIVA, V. 1996. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e sujeito sexual. In: R. PARKER; R.M. BARBOSA (orgs.), *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, ABIA, IMS/UERJ, p. 213-234.
- VILLELA, W.V.; BARBOSA, R.M. 1996. Repensando as relações entre gênero e sexualidade. In: R. PARKER; R. M. BARBOSA (orgs.), *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, ABIA, IMS/UERJ, p. 189-199.

Fontes primárias

- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, outubro de 1953.
- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, junho de 1954.
- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, maio de 1960.
- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, junho de 1961.
- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, maio de 1963.
- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, novembro de 1974.
- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, abril de 1980.
- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, outubro de 1982.
- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, novembro de 1985.
- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, agosto de 1999.
- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, outubro de 1999.
- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, dezembro de 1999.
- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, outubro de 2000.
- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, abril de 2001.
- CAPRICHOS. São Paulo, Ed. Abril, janeiro de 2003.

Submetido em: 18/09/2006

Aceito em: 16/04/2004

Raquel B. P.Miguel
UFSC
Rua Saldanha Marinho, 374/706
88010-450, Florianópolis, SC, Brasil

Maria Juracy F. Toneli
UFSC
Av. César Seara, 192
88040-500, Florianópolis, SC, Brasil